

INTUITIO

PPGFil/UFFS | e-ISSN 1983-4012

DOI: <http://doi.org/10.36661/1983-4012.2025v18n1.14972>

SEÇÃO: Dossiê Metafísica E Semântica Da Ficção

FICÇÃO E FILOSOFIA: UMA PERSPECTIVA WITTGENSTEINIANA

FICTION AND PHILOSOPHY: a Wittgensteinian perspective

Vanderléia Pedrotti¹

orcid.org//0009-0006-3490-9257

vandy.pedrotti@gmail.com

Resumo: Este trabalho investiga a relação entre ficção e filosofia, destacando especialmente a aproximação da ficção com a filosofia da linguagem de Wittgenstein. Parte-se da concepção wittgensteiniana de que os problemas filosóficos são, em essência, problemas gramaticais, ou seja, resultam de confusões no uso da linguagem. A partir dessa perspectiva, busca-se compreender como a gramática de nossa linguagem estrutura tanto o pensamento filosófico quanto às narrativas ficcionais. Para isso, examina-se a relação entre gramática e ficção, analisando a forma como exemplos ficcionais podem esclarecer conceitos e explorar diferentes modos de significação. Além disso, destaca-se a distinção entre sintomas e critérios na atribuição de significado aos signos linguísticos, demonstrando como essa diferenciação pode ser fundamental para evitar ambiguidades conceituais. Por fim, busca-se investigar, a partir dos argumentos de David Schalkwyk acerca da relação entre ficção e filosofia, a forma como a ficção pode ilustrar os problemas filosóficos, através do diálogo existente com os mesmos jogos de linguagem que fazem parte do nosso dia a dia.

Palavras-chave: Ficção. Gramática. Jogos de Linguagem.

Abstract: This paper investigates the relationship between fiction and philosophy, focusing in particular on the relationship between fiction and Wittgenstein's philosophy of language. It starts from the Wittgensteinian conception that philosophical problems are, in essence, grammatical problems, that is, they result from confusions in the use of language. From this perspective, we seek to understand how the grammar of our language structures both philosophical thought and fictional narratives. To this end, the relationship between grammar and fiction is examined, analyzing how fictional examples can clarify concepts and explore different modes of meaning. In addition, the distinction between symptoms and criteria in the attribution of meaning to linguistic signs is highlighted, demonstrating how this differentiation can be fundamental in avoiding conceptual ambiguities. Finally, the aim is to investigate, based on David Schalkwyk's arguments about the relationship between fiction and philosophy, how fiction can illustrate philosophical problems through its dialog with the same language games that are part of our daily lives.

Key words: Fiction. Grammar. Language Games.

1. Introdução

Quando se investiga a relação entre ficção e filosofia é possível perceber que existem diversos caminhos possíveis a percorrer. Caminhos que indiquem, inclusive, a não existência

¹ Mestra e doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia - UFSC

Intuitio, Chapecó-SC, v. 18, n. 1, p. 1-16, jan.-dez. 2025 (p. 1)

de colaboração entre essas duas áreas. Mas o que se nota é que são muitas as investigações filosóficas a serem feitas sobre a ficção. Desde construir uma definição única para o que chamamos de ficção – se é que isso é possível –, ou mesmo investigações dentro da própria ficção e de objetos ficcionais, como a vassoura de Hogwarts em “Harry Potter”, debruçando-se, por exemplo, sobre aspectos ontológicos, epistêmicos, lógicos, cognitivos, gramaticais e tantos mais. E é sobre este segundo modo de “filosofar” sobre ficção que se pretende caminhar com este ensaio.

De modo mais específico, o que será abordado aqui são algumas análises sobre a relação entre ficção e filosofia, especialmente no que tange à filosofia da linguagem. Para isso, tomaremos como obras principais o livro de Ludwig Wittgenstein *Investigações Filosóficas*, publicado pela primeira vez em 1953 e o artigo “Fiction as “Grammatical” Investigation: A Wittgensteinian Account” de David Schalkwyk, publicado em 1995.

Nesse artigo, o autor inicia investigando como a ficção pode ser compreendida à luz da filosofia wittgensteiniana da linguagem, demonstrando que a noção de gramática é essencial para entender tanto a estrutura das narrativas ficcionais quanto os problemas filosóficos que delas emergem. O autor aborda, logo de início, a discussão entre a relação da gramática e de objetos como formas de significação e representação, estabelecendo as bases para um exame mais aprofundado dos conceitos de sintomas, critérios e a questão da existência.

Além disso, Schalkwyk demonstra, com base na filosofia de Wittgenstein, que a definição e fixação de significados é algo complexo, assim como a distinção entre sintomas e critérios, especialmente quando falamos especificamente da ficção. Ao longo do artigo, ele desenvolve o argumento de que a ficção não apenas ilustra problemas filosóficos, mas também pode constituir um meio legítimo de investigação filosófica. Através da análise de critérios e história, o autor aponta que a ficção oferece um espaço privilegiado para explorar os limites da linguagem e da significação, tornando-se, assim, um recurso bastante interessante para o esclarecimento de certas questões filosóficas.

Por fim, Schalkwyk aponta que se fizermos uma leitura da ficção nos termos da filosofia da linguagem de Wittgenstein, poderemos ampliar a relação entre ficção e filosofia para além de um exercício imagético de possibilidades, mas como áreas complementares para compreensão do mundo empírico.

2. Linguagem, gramática e ficção

Ludwig Wittgenstein foi um dos primeiros filósofos que interpretaram todos os problemas filosóficos como problemas de linguagem – ou gramaticais – fazendo parte do que se chamou “virada linguística”. Em suas *Investigações Filosóficas* (1996), Wittgenstein busca demonstrar como a linguagem está intimamente ligada com a filosofia, especialmente no que diz respeito aos problemas que são alvo de investigação em toda a história da filosofia, como em Santo Agostinho e Platão, por exemplo². Existe, por exemplo, uma passagem de seu livro que se tornou bastante famosa e que explica essa forma de Wittgenstein compreender os problemas filosóficos e a própria filosofia: “38. [...] Pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (Wittgenstein, 1996, p. 42). Ou seja, o autor parece estar propondo que os problemas filosóficos surgem porque nossa própria linguagem nos confunde. Além disso, questões como a nomeação de coisas e a definição de um conceito – significação – para esses nomes estão sempre implícitas ou, às vezes, *explícitas*, nas investigações da filosofia, dentro de suas mais variadas áreas de investigação.

Para fundamentar sua teoria sobre problemas filosóficos como problemas gramaticais, Wittgenstein faz uso de alguns exemplos, como o caso hipotético do negociante que busca nos caixotes os signos de “maçãs”, “vermelho” e “cinco” para encontrar as cinco maçãs vermelhas que um cliente solicitou. Logo no início de suas *Investigações Filosóficas*, o autor cria esse cenário imagético onde o cliente entra na loja e pede ao comerciante cinco maçãs vermelhas. O comerciante, ao ouvir essas palavras, procura o caixote com o rótulo “maçãs”, depois procura o caixote com o rótulo “vermelhas” e então conta cinco unidades. Este cenário nos dá a impressão de que cada palavra da frase do cliente corresponde diretamente a uma coisa concreta e que para entender a frase seria necessário “desmontá-la” e associar cada palavra com um objeto ou ação específica.

Entretanto, Wittgenstein explica que essa visão de como a linguagem funciona é muito simplificada e que, na verdade, as palavras não funcionam como rótulos diretos e quando falamos “cinco maçãs vermelhas”, não basta só juntar operações e olhar para os

² O próprio Wittgenstein cita a obra *Teeteto* de Platão em suas *Investigações Filosóficas* para falar da correspondência entre objetos e palavras e inicia seu livro com uma citação de Santo Agostinho sobre a nomeação de objetos.

caixotes, mas a expressão inteira já é um modo prático de dar um comando dentro uma linguagem compartilhada:

26. Como foi dito, – o denominar é algo análogo a pregar uma etiqueta numa coisa. Pode-se chamar isso de preparação para o uso de uma palavra. Mas *sobre que* se dá a preparação?

27. “Denominamos as coisas e podemos falar sobre elas, referirmos a elas no discurso.” Como se já fosse dado, com o ato do denominar, uma coisa que significasse: “falar de coisas”. Ao passo que fazemos as coisas mais diferentes com nossas frases. [...] (Wittgenstein, 1996, p. 36).

Neste sentido, portanto, o que Wittgenstein parece estar apontando é que nem sempre a relação entre nome e objeto funciona de um jeito direto e simples, mas há situações em que nomear não é meramente rotular um objeto, mas envolve práticas e convenções compartilhadas em uma linguagem pública – e isso é o que o filósofo irá chamar de “jogos de linguagem”.

Essas práticas utilizadas na linguagem nos são ensinadas desde que aprendemos a falar, quando começamos a associar determinado signo com determinado objeto. Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein se propõe a partir da seção 4 de seu livro a entender como ocorre a fixação de um signo para com um objeto, e ele explica que a forma mais usual de ensinar o nome de coisas é apontando para o objeto e dizendo a palavra que identifica esse objeto. Por exemplo, para ensinar para uma criança o que é um garfo, você aponta para o garfo e diz “garfo”; assim, por meio da repetição e da associação do signo “garfo” com aquele objeto apontado, a criança entende o que é o garfo. Quando a criança está ainda no processo de aprender e conhecer o nome dos objetos, Wittgenstein não chama de definição ostensiva, mas sim de ensino ostensivo das palavras; e esse ensino não garante que a criança tenha compreendido o que é o garfo em si, mas que ela corresponde corretamente quando pedimos a ela que nos alcance um garfo.

A definição ostensiva seria propriamente a forma de denominar um objeto ou definir um termo a partir do ato ostensivo de apontar para algo que exemplifica o significado do termo ou do próprio objeto. Neste sentido, Wittgenstein distingue a definição ostensiva do ensino ostensivo:

6. [...] Quero chamar isso de “ensino ostensivo das palavras”. [...] Esse ensino ostensivo das palavras, pode-se dizer, estabelece uma ligação associativa entre a palavra e a coisa (Wittgenstein, 1996, p. 29.).

30. Poder-se-ia, pois, dizer: a definição ostensiva elucida o uso – a significação – da palavra, quando já é claro qual papel a palavra deve desempenhar na linguagem. Quando sei portanto que alguém quer elucidar-me uma palavra para cor, a elucidação ostensiva “Isto chama-se ‘sépia’” ajudar-me-á na compreensão da palavra (Wittgenstein. 1996, p. 38).

O filósofo dedica, especialmente, os parágrafos a partir da seção 28 das *Investigações Filosóficas* para tratar da definição ostensiva, especialmente para analisar os limites dessa definição como forma de atribuir significado aos objetos do mundo. E aqui é possível perceber um ponto bastante relevante da filosofia de Wittgenstein e que trouxe grandes contribuições para a filosofia da linguagem. Trata-se do questionamento que o filósofo faz sobre algo que anteriormente não era investigado de forma tão expressiva como passou a ser depois da virada linguística, a saber, a forma como aprendemos e atribuímos significado aos objetos e, além disso, porque a definição ostensiva não pode ser a única forma de identificar objetos, tendo em vista seus limites.

Um desses limites que Wittgenstein aponta – nas seções 33, 34 e 35 – refere-se à dificuldade quando queremos falar sobre a cor de algum objeto. Segundo o autor, seria muito fácil, por exemplo, confundir a cor com a forma do objeto sob análise. Ele fundamenta esse argumento apresentando exemplos em que alguém poderia confundir-se entre cor ou forma de um objeto ao apontar para ele. Como no caso em que alguém poderia solicitar para que apontemos para um pedaço de papel, depois apontemos para a forma desse pedaço de papel, depois para a cor e para seu número. Wittgenstein nos diz que isso soaria estranho, pois como é possível que, com o mesmo gesto, estivéssemos apontando para coisas diferentes no mesmo pedaço de papel? Ou então, quando alguém aponta para um vaso:

33. [...] Imagine que alguém aponte um vaso e diga: “veja o maravilhoso azul! – não se trata de forma”. Ou “veja a maravilhosa forma” – a cor é indiferente”. Sem dúvida você fará coisas diferentes quando aceder a esses dois convites. Mas você fez sempre o mesmo, quando dirige sua atenção à cor? (Wittgenstein. 1996, p. 39).

O que Wittgenstein parece estar chamando a atenção aqui é que existem alguns casos em que somente apontar para algo não é suficiente para explicar com clareza o que estamos, de fato, querendo dizer com esse gesto.

Pense em uma professora ensinando para uma criança as cores, por exemplo. A criança precisa ter formado dentro de si, quer dizer, precisa compreender, através do uso da razão, o significado de alguma palavra, como no caso, precisa ter alguma noção do que significa “cor”; caso contrário, não será capaz de entender que um lápis pode ser amarelo e que uma laranja também pode ser amarela, sem que isso signifique que lápis e laranja são coisas idênticas.

Para ensinar as cores, a professora utiliza vários objetos de diversas cores e aponta para cada objeto e diz a cor dele. Ela repete esse exercício até que a criança seja capaz, por si só, de dizer a cor de certo objeto. Pensem no mesmo exemplo do lápis. A professora coloca dois lápis em frente à criança, um de cor amarela e outro de cor verde. Após, aponta para o lápis verde e diz “esse lápis é verde!”, em seguida faz a mesma coisa com o lápis amarelo. Após isso, a professora volta-se para a criança, aponta para o lápis verde e pergunta qual é a cor daquele lápis. A criança prontamente responde “verde”. É claro que, depois que a criança respondeu corretamente, a professora fica feliz e a parabeniza por ela ter aprendido qual era a cor verde.

Mas se aproximarmos esse exemplo com os questionamentos de Wittgenstein apresentados anteriormente, podemos nos fazer a seguinte pergunta: o fato da criança ter respondido corretamente qual era a cor do lápis para o qual a professora estava apontando significa, necessariamente, que ela aprendeu a definição de cor? Ou sequer que ela realmente tenha aprendido qual é a cor verde? Ou será que ela apenas respondeu “verde” por repetição ao que a professora acabara de pronunciar? Pode ser o caso que após um tempo, se essa criança não for questionada novamente para dizer qual é a cor verde, ela esqueça a diferença das cores, ou o que é uma cor.

O fato é que aprendemos desde cedo, de acordo com Wittgenstein, a responder de determinada maneira quando ouvimos determinada palavra, ou a reagir de tal forma. Mas só aprendemos porque somos corrigidos quando usamos as palavras de forma errada, ou quando não seguimos um certo comando esperado. Podemos pensar no caso de uma criança que machucou sua mão e chora ao sentir dor. Ao invés de ela dizer que está sentindo dor, ela diz que está com cócegas na mão. O pai da criança após perceber a situação e compreender que seu filho está com dor, corrige-o e diz que o que a criança está usando a palavra errada para o caso, pois ao invés de dizer que está com cócegas a palavra correta para o caso seria dor.

Assim, na próxima vez que a criança se machucar, ela saberá que a palavra correta é “dor”, e não “cócegas”.

Esse argumento pode ser percebido na seção 7 das *Investigações Filosóficas*:

7. Na *práxis* do uso da linguagem (2), um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas; na lição de linguagem, porém, encontrar-se-á este processo: o que aprende *denomina* os objetos. Isto é, fala a palavra, quando o professor aponta para a pedra. – Sim, encontrar-se-á aqui o exercício ainda mais simples: o aluno repete a palavra que o professor enuncia – ambos processos de linguagem semelhantes.

Podemos também imaginar que todo o processo do uso das palavras em (2) é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Chamarei esses jogos de “*jogos de linguagem*” e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um jogo de linguagem.

E poder-se-iam chamar também os jogos de linguagem de processos de denominação das pedras e da repetição da palavra pronunciada. Pense os vários usos das palavras ao se brincar de roda (Wittgenstein, 1996, p. 29 - 30).

Dessa forma, parece ser justamente esse ponto que Wittgenstein nos chama a atenção: não precisamos saber que a criança compreendeu qual é a definição de cor. Ela não precisa saber que a cor é uma propriedade que os objetos possuem e que percebemos visualmente, ou que está relacionada com a forma como a luz é refletida, absorvida ou transmitida pelos objetos. A criança também não precisa compreender os aspectos filosóficos da cor, por exemplo, se é uma propriedade inerente dos objetos, como defendem os realistas, ou se a cor é, na verdade, uma experiência sensorial do observador, se pensarmos por um viés subjetivista. O que realmente precisa acontecer, diria Wittgenstein, é que a criança saiba usar corretamente o conceito de cor, pois o significado das palavras ocorre no uso que fazemos delas: “43. a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (Wittgenstein, 1996, p. 43).

Esse argumento é parte da definição de jogos de linguagem que o autor apresenta em sua obra. O aspecto mais relevante de uma linguagem não é a compreensão estritamente correta do significado da palavra, mas sim o uso que fazemos dela dentro de um jogo de linguagem. Neste sentido, os significados das palavras são, eles próprios, construídos dentro dos jogos de linguagem, de acordo com as necessidades de uso. Isso quer dizer, grosso modo, que uma mesma palavra pode conter significados diversos em diferentes contextos de uso, a depender do jogo de linguagem estabelecido por um determinado grupo de falantes. Esse

significado é estabelecido pela gramática a partir das regras estabelecidas pelas pessoas que participam de um jogo de linguagem.

Neste sentido, o significado das palavras vem do uso que fazemos delas em diferentes contextos. Cada situação de fala, como dar ordens, fazer perguntas, contar histórias, brincar etc. funciona como um jogo com suas próprias regras de uso da linguagem, cujos significados são fixados pela gramática de acordo com o uso das palavras.

A partir dessa concepção de linguagem e do papel da gramática na fixação de significados de palavras podemos observar a relação entre filosofia e ficção. Quando Wittgenstein explica que o significado das palavras não é rotular objetos e sim observar o uso delas na linguagem, como apresentamos no início desta seção, isso quer dizer que nomear não é colar etiquetas em entidades preexistentes, mas participar de formas de vida onde a linguagem é constitutiva da ação, ou seja, falar é, em certo sentido, agir. E é este aspecto específico que nos permite entender a abordagem de David Schalkwyk sobre a ficção. Como veremos agora, para Schalkwyk, a ficção não cria um segundo mundo separado do real, mas opera dentro da mesma gramática que regula nossos atos cotidianos de fala.

Talvez antes de aprofundarmos essa relação entre ficção e filosofia, seja interessante esclarecermos um ponto bem importante. Schalkwyk não apresenta em seus trabalhos uma definição específica sobre o que ele comprehende por “ficção”. O que mais se aproxima de uma definição é um trecho logo no início de seu artigo “Fiction as ‘Grammatical’ Investigation: A Wittgensteinian Account” (1995): “[...] a ficção é uma espécie de investigação gramatical dos conceitos e ela está relacionada à realidade extralingüística precisamente na medida em que é tal investigação [...]” (Schalkwyk, 1995, p. 288, tradução nossa). Esta será a interpretação de ficção que também iremos assumir neste trabalho.

Schalkwyk propõe, no artigo citado acima, uma interpretação wittgensteiniana para compreender a ficção como uma forma de investigação grammatical. Ele examina a natureza da linguagem e da ficção e explora as semelhanças entre essas duas coisas. O autor explica, logo no início de seu artigo, que

[...] se os significados das palavras são uma função de seus usos dentro de práticas culturais específicas, então esses usos reais podem ser esclarecidos por duas formas de variação imaginária: primeiro, imaginando padrões reais de uso e, segundo, imaginando tipos completamente diferentes de uso, a fim de lançar uma luz contrastiva sobre os usos reais (Schalkwyk, 1995, p. 287, tradução nossa).

A aproximação que o autor faz com a concepção de filosofia da linguagem de Wittgenstein é bastante interessante pois permite que observemos os padrões ou regras gramaticais existentes em nossa linguagem com um olhar investigativo, propondo ideias de como seria nossa linguagem e entendimento se essas regras fossem diferentes. Neste sentido, Schalkwyk parece propor que o exercício de criar ficções – seja aproximando-se da realidade, seja inventando situações radicalmente diferentes – é um modo poderoso de investigar como a linguagem realmente funciona.

Essa investigação ocorre a partir da análise de alguns exemplos, como de um ator interpretando uma peça de teatro. Na peça em questão, a cena que se passa é marcada por um ator que demonstra tristeza diante de algum fato ocorrido. O autor usa esse exemplo para explorar a questão que Wittgenstein propõe em suas *Investigações Filosóficas*, e que apresentamos anteriormente, a respeito da ideia de que o significado das coisas – neste caso específico, das emoções – não depende de um ‘estado interno oculto’, mas sim das formas públicas de expressão e dos critérios culturais que usamos para reconhecê-las, de modo a aplicar esse argumento à compreensão da ficção:

Para dizer de forma mais direta: deveríamos perguntar como sabemos que a representação do ator é precisamente a de tristeza? Presumivelmente, porque o conceito de tristeza é independente de algo realmente ocorrer no mundo, sendo essa uma consequência da percepção de que exemplos ficcionais podem exemplificar conceitos. O conceito é aprendido ou explicado justamente recorrendo à realidade das aparências, que, portanto, não pode ser usada para dividir o conceito em realidade e conceito em ficção. Qual aparência é mais real: a do ator ou a do enlutado? E seria correto dizer que, mesmo que a aparência do ator seja suficientemente real, sua tristeza não é? (Schalkwyk, 1995, p. 290, tradução nossa).

Ou seja, mesmo que um ator apenas *represente* a tristeza, ainda reconhecemos a expressão como tristeza, pois o que importa para reconhecermos essa expressão não é a existência de um sentimento interno verdadeiro, mas a forma como a expressão se encaixa nas práticas e nos critérios linguísticos, sociais e contextuais que usamos para identificar essa emoção. Neste sentido, o que nos permite compreender a peça de teatro e as emoções representadas pelos atores e atrizes é, justamente, a circunstância, que é identificada a partir dos sintomas e critérios utilizados na construção do significado.

De acordo com o autor, a questão dos critérios surge devido ao fato de que, para Wittgenstein, existe uma distinção entre as propriedades empíricas de um objeto e a referência da palavra que o denomina:

Wittgenstein, por outro lado, deseja fazer uma distinção entre as propriedades empíricas de um objeto e seu papel como uma regra de representação. Como vimos, uma propriedade particular (ou propriedades) de um objeto material é determinada como o critério definidor (critérios) de um conceito. Para ter o conceito (para ser capaz de usar a palavra), o objeto é transformado em um exemplo gramatical, o que significa que certas propriedades empíricas ou sintomas precisam ser usados como (transformados em) critérios. Isso não tem nada a ver com estabelecer a existência além de qualquer dúvida, mas significa que muitos conceitos dependem do mundo para seu significado, mesmo que sejam usados sem referência a nenhum estado real de coisas, como na ficção (Schalkwyk, 1995, p. 290, tradução nossa).

Neste sentido, podemos dizer que os sintomas seriam como características ou aspectos empíricos observáveis que são usados/transformados como/em critérios para definir o conceito de uma palavra.

Mas a distinção se complica quando pensamos um pouco mais sobre essa definição. Se refletirmos, vamos perceber que é possível sempre fingir que estamos com dor ou pesar, por exemplo, fingindo tanto os sintomas quanto os critérios desses estados, como no caso de um ator. Schalkwyk explica que podemos tanto acreditar na tristeza do ator, quanto suspeitar de que se trata de uma tristeza real: “o fato de um ator poder representar a tristeza é geralmente interpretado como significando que nunca podemos ter certeza se a tristeza está realmente sendo expressa” (Schalkwyk, 1995, p. 290, tradução nossa). Sendo assim, os critérios gramaticais aplicados para atribuir significação a uma palavra podem ser simulados, e isso corrobora com o argumento de que a ficção pode exercer um importante papel na compreensão de problemas filosóficos.

Neste aspecto, a ficção envolve a criação de circunstâncias em um mundo possível, com personagens imaginários que exploram diferentes formas de significação da linguagem. Por meio da ficção, diferentes critérios podem ser utilizados para descrever e representar conceitos, sem a necessidade de corresponder, diretamente, com a realidade empírica. Podemos observar isso na explicação de Schalkwyk:

A mudança histórica nas relações entre sintomas e critérios, e, portanto, de conceitos, indica que, se quisermos entender adequadamente as investigações gramaticais da ficção, que, argumento, estão precisamente preocupadas com

relações criteriológicas, devemos abordar a ficção de forma histórica, nunca assumindo acriticamente que uma continuidade essencial da biologia humana ou comportamento é suficiente para fixar a essência de um conceito. Em vez disso, é a linguagem, trabalhando por meio do mundo, que fixa tal conceito historicamente variável em qualquer momento. As observações de Wittgenstein nas Investigações Filosóficas de que "A essência é expressa pela gramática" (370) e "A gramática nos diz que tipo de objeto algo é" (373) transmitem precisamente essa forma de fixação historicamente variável da natureza dos conceitos por meio de objetos, sem fazer a suposição empirista ou realista de que o mundo declara seu próprio significado essencial para nós (Schalkwyk, 1995, p. 293, tradução nossa).

É interessante perceber que Schalkwyk destaca que as relações entre sintomas (aspectos observáveis de algo) e critérios (regras ou condições para definir algo) mudam ao longo do tempo. Essas mudanças influenciam os conceitos que usamos para entender e categorizar o mundo. Ou seja, os significados de nossos conceitos não são fixos; eles são moldados historicamente, dependendo do contexto cultural e temporal, mais uma vez fazendo referência ao que diz Wittgenstein sobre os jogos de linguagem.

Além disso, segundo o autor, quando Wittgenstein afirma que a "essência" pertence à gramática, isso nos permite perceber que a ficção oferece a possibilidade de nos mostrar que tipo de objeto algo é, demonstrando que as essências são fixadas e alteradas por meio da prática social da linguagem:

A afirmação de que a "essência" pertence à gramática (no sentido específico wittgensteiniano da apropriação gramatical de objetos ou fenômenos como regras de representação) nos permite ver que a ficção possui precisamente a combinação adequada de flexibilidade e abrangência para nos mostrar "que tipo de objeto algo é." E isso pode significar revelar os processos históricos pelos quais as essências são tanto fixadas quanto transformadas através da prática social da linguagem (Schalkwyk, 1995, p. 293, tradução nossa).

Quer dizer, o que o autor está apontando é que a ficção se relaciona com os critérios de significação na medida em que a ficção usa critérios flexíveis para explorar conceitos, desafiando as convenções linguísticas e ampliando nossa compreensão da linguagem e, por consequência, da forma como vivemos.

A partir dessa interpretação de Schalkwyk, podemos entender como exemplos ficcionais podem contribuir para a compreensão de questões filosóficas, ao explorar os limites da linguagem criando situações em que os conceitos podem ser usados de maneiras não convencionais ou inesperadas. Neste sentido, a ficção pode nos ajudar a perceber como certos

conceitos, embora fixados pela gramática, podem ser reconfigurados ou expandidos, para compreender diferentes sentidos dentro dos jogos de linguagem.

O argumento wittgensteiniano de que o significado das palavras está intrinsecamente ligado ao contexto em que são usadas e ao uso que fazemos dessas palavras na prática cotidiana permite uma análise gramatical através da ficção, explorando a linguagem e seus usos. Assim como no caso do ator que interpreta o sentimento de tristeza, podemos pensar em vários casos em que o uso das palavras sofre variações de acordo o contexto, os critérios e os sintomas envolvidos.

É importante destacar que essa relação entre ficção e filosofia se torna possível, também, devido aos jogos de linguagem que Wittgenstein apresenta nas *Investigações Filosóficas*. Quer dizer, os jogos de linguagem seriam os acordos (ou jogos, literalmente) que firmamos (ou jogamos) desde que aprendemos a falar, para entendermos e nos comunicarmos com uma ou mais pessoas. Esses jogos ocorrem de modo quase que automático, pois faz parte da forma como usamos a linguagem. Podemos pensar em um exemplo de jogo de linguagem exatamente da mesma forma como pensamos em um exemplo ficcional. Em um jogo de linguagem, podemos entrar em acordo sobre uma maneira de nos comunicar, por exemplo, de tal forma que esse modo se diferencie do modo de falar de outros grupos de pessoas, em outros contextos sociais ou culturais.

Um exemplo disso são os vários “acordos” que usamos na linguagem. Pensemos no seguinte exemplo: imaginemos que uma mãe explicou para seu filho, desde pequeno, que quando ele estiver triste, deverá usar a frase “eu quero um sorvete” para que ela saiba que ele está triste. No caso deles, quando o filho diz “eu quero um sorvete” não significa que ele realmente queira tomar um sorvete, mas que está triste (é óbvio que uma mãe não ensinaria para seu filho que essa frase significa “estar triste”, mas façamos esse esforço imagético para fins demonstrativos). Agora imaginemos que o filho cresceu e começou a frequentar a escola. Nos primeiros dias na escola, ele sente saudade de sua mãe que não está na escola com ele, e percebe que ficou triste. Logo, ele chama a professora para comunicar-lhe que está triste e diz “eu quero um sorvete”. A professora, que não conhece o jogo de linguagem que a criança possui com sua mãe, imagina que a criança realmente quer um sorvete e entrega um sorvete ao menino. Mas o filho, mesmo depois que está com um sorvete na mão, continua dizendo

que quer um sorvete, pois o que ele quer não é o sorvete, mas sim que seu sentimento de tristeza seja compreendido.

Esse exemplo simples serve para demonstrar como funcionam os jogos de linguagem e como podem ser estabelecidos por duas ou mais pessoas. Nesse caso, mesmo que conheça todas as palavras e seus significados, a professora continuará sem compreender o que o menino realmente quer comunicar ao dizer “eu quero um sorvete” até que a mãe dele explique para ela o significado desse jogo de linguagem que os dois formularam anteriormente. É importante destacar que esses jogos podem ocorrer, também, de maneira extralingüística, ou seja, com gestos, olhares e demais signos que usamos no dia a dia, quer dizer, através do uso.

A partir destas considerações podemos perceber a aproximação que Schalkwyk faz entre ficção e filosofia. Em primeiro lugar, é interessante perceber que assim como o menino e a mãe compartilham um jogo de linguagem específico, a ficção, nos termos de Schalkwyk, opera dentro de comunidades sociais e culturais que compartilham certas convenções, expectativas e sentidos contextuais. Isso significa que para que exista uma compreensão do sentido de uma obra ficcional, é necessário que exista, inicialmente, um domínio dessas convenções ou jogos, quer dizer, das regras implícitas e dos diversos usos culturais em que essa obra ficcional está inserida.

Em segundo lugar, vimos que Wittgenstein demonstra como o significado das palavras se encontra em seus usos nos jogos de linguagem em um determinado contexto. Como no caso da criança e da professora, em que a professora, mesmo conhecendo as palavras que a criança estava pronunciando, não comprehende o significado que elas possuem no uso que a criança faz, justamente por não compartilhar o mesmo contexto da criança e de sua mãe.

Da mesma forma, nos parece que o que Schalkwyk está propondo é que a ficção não se define apenas por um conteúdo irreal, mas pelo modo como é usada em práticas sociais específicas, seja em teatros, filmes, literatura etc.:

Quero sugerir que a 'profundidade' que caracteriza aquilo que escolhemos chamar de ficção literária é do mesmo tipo [da profundidade presente nas formas de vida ordinárias], com a diferença de que a literatura oferece não apenas um vislumbre, mas um exame prolongado dessas relações criteriais que conferem sentido, das quais tanto o mundo empírico quanto nosso enraizamento em comunidades são partes inescapáveis. Esse exame pode assumir diversas formas: pode questionar seriamente ou perturbar formas gramaticais habituais, pode simplesmente expô-las à vista, ou pode destacá-las com o objetivo de explicitamente endossá-las e confirmá-las.

Assim, o mais convencionalmente 'descritivo' dos romances realistas nunca é meramente descritivo, nem o mais vanguardista dos textos está totalmente livre do engajamento necessário entre o mundo e a linguagem (Schalkwyk, 1995, p. 292, tradução nossa).

Dessa forma, os apreciadores e apreciadoras de uma obra de ficção precisam compartilhar, ou aprender, os jogos que estão presentes naquela obra. Ou seja, a ficção depende da imersão em práticas sociais e linguísticas compartilhadas entre um grupo de pessoas.

3. Considerações Finais

A partir da análise dos argumentos de Schalkwyk em seu artigo e partindo de uma análise wittgensteiniana, é possível notar como o significado das palavras emerge da função que elas desempenham em práticas culturais específicas e em contextos particulares, como ilustrado nos exemplos anteriores. Essa abordagem revela a flexibilidade e a complexidade da linguagem, destacando que o significado não é algo fixo ou absoluto, mas sim determinado pelo uso das palavras em determinadas situações sociais e culturais.

Além disso, esses argumentos nos permitem reconhecer a relevância da ficção como um campo interessante de investigação gramatical que Wittgenstein propôs em sua filosofia da linguagem. Investigar a forma como a ficção se envolve com a gramática também é uma forma de investigar como a ficção se envolve com o mundo. De acordo com Schalkwyk, Wittgenstein afirma que a ficção carrega uma relação crucial com o mundo real ou não discursivo, fator de inegável relevância e que justifica uma análise atenta e detalhada sobre a filosofia da linguagem. Ao explorarmos como a ficção interage com a gramática, também estamos investigando de que maneira ela se relaciona com o mundo.

Dessa forma, a leitura proposta por Schalkwyk nos permite compreender a ficção não como mero entretenimento ou simulação do real, mas como uma forma de investigação gramatical que revela os modos como significados são construídos em contextos específicos. Ao expor, questionar ou confirmar critérios e formas gramaticais, a ficção se torna um espaço privilegiado de reflexão sobre o uso da linguagem e as práticas que estruturam nossa compreensão do mundo.

Schalkwyk sugere que, de acordo com Wittgenstein, a ficção mantém uma relação crucial com o mundo empírico, o que torna a análise da ficção uma ferramenta filosófica

poderosa e de grande relevância para compreender as dinâmicas de construção de significado. Esse ponto justifica uma investigação mais profunda sobre a relação entre gramática, ficção e realidade, pois, ao compreendermos como a ficção pode funcionar como uma exploração de possíveis mundos, podemos aprender mais sobre como a linguagem opera e como ela pode ser utilizada para abordar questões filosóficas complexas.

Finalmente, é importante destacar que a filosofia wittgensteiniana, com seu foco nas investigações gramaticais, não se limita a um campo específico da filosofia, mas abre portas para o diálogo com várias outras áreas de investigação, incluindo aquelas de natureza ficcional. Por meio das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein oferece um modelo de análise que pode ser aplicado a diferentes formas de conhecimento e expressão. Ao integrar ficção e filosofia, podemos explorar de maneira mais rica e dinâmica as relações entre linguagem, significado e realidade, reconhecendo a ficção não apenas como uma forma artística, mas também como uma ferramenta cognitiva que amplia nossas compreensões filosóficas sobre o mundo.

Portanto, o trabalho de Schalkwyk e a perspectiva wittgensteiniana nos mostram como ficção, gramática e filosofia podem se interconectar, criando um campo fértil para novas formas de investigação sobre a natureza da linguagem e seus impactos em nossa compreensão do mundo. Mas, é preciso ressaltar, ainda há muita investigação a ser feita sobre a relação entre filosofia e ficção, embora seja uma área de investigação que tem se ampliado na filosofia contemporânea.

Referências

BAKER, G.P., HACKER, P. M. S. *Wittgenstein: Understanding and Meaning*. Australia: BlackWell Publishing, 2005.

FERRARO, José Luís. *Wittgenstein e os jogos de linguagem*. Revista Educação Pública, v. 21, nº 30, 10 de agosto de 2021.

Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/30/wittgenstein-e-os-jogos-de-linguagem>.

SCHALKWYK, David. *Fiction as "Grammatical" Investigation: A Wittgensteinian Account*. The Journal of Aesthetics and Art Criticism, [s. l.], v. 53, n. 3, p. 287-298, Summer 1995.

Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/431354>.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Recebido em: 10/03/2025.

Aprovado em: 20/05/2025.

Publicado em: 31/07/2025